



Influência cultural. Carros e motos cruzam a Ponte Internacional da Amizade, que liga Foz do Iguaçu a Ciudad del Este. A presença de brasileiros em cidades da fronteira tornou comum uso de português

EXPATRIADOS DO BRASIL

DENISE PARO
Especial para O GLOBO
MONTAGEM POR DA
GABRIELA DE LIMA

Negócios e diplomas são o novo chamariz para os brasileiros no Paraguai

Comunidade de expatriados no país vizinho chegava a 254 mil em 2022, com cursos de Medicina atraindo dezenas de milhares

Se um dia os brasileiros cruzaram a fronteira com o Paraguai para derrubar torres e semear campos de soja, hoje eles procuram o país em busca de outros sonhos. Tornar-se médico ou empreendedor é o que faz uma leva de emigrantes deixar o Brasil para viver no vizinho sul-americano. A Direção Nacional de Migração do Paraguai calcula que nos últimos 10 anos foram emitidas 200 mil carteiras para regularizar estrangeiros no país. Desse total, 110.737 saíram para brasileiros — 61.295 temporárias e 58.442 definitivas. Segundo o Iamarraty, até 2022 havia no Paraguai 254 mil brasileiros.

Um dos fluxos de entrada mais recentes na última década é de estudantes. O Paraguai tem hoje 25 mil a 30 mil estudantes de Medicina, 90% a 95% deles de origem brasileira, conforme a Direção de Migração. Sem precisar se submeter a vestibulares concorridos e pagar mensalidades exorbitantes cobradas no Brasil que podem variar de R\$ 10 mil a R\$ 15 mil ou mais, os brasileiros saem das mais longínquas regiões e a maior parte se estabelece em Ciudad del Este, fronteira com Foz do Iguaçu (PR) ou Pedro Juan Caballero, limite com Ponta Porã (MS).

Li eles pagam de R\$ 1.200 a R\$ 1.500 ao mês nos primeiros anos de faculdade. Estima-se que o país tenha entre 40 e 44 faculdades de Medicina. Almir Pinheiro, 33 anos, foi para o Paraguai no início do ano. Ele deixou a Trindade (GO) para morar em Ciudad del Este, graduado em Educação Física e Fisioterapia no Brasil, o rapaz diz ter cruzado a fronteira em busca de um sonho. No início, teve medo de não conhecer o país e não saber o espanhol, falando não somente nas ruas, mas na sala de aula.

— Hoje posso dizer que fiz a melhor escolha da vida, muito não vou criticar, outros apoiar, mas só você vai saber o quanto é satisfatório o processo.

Almir mora em um quarto de hotel. Com as economias que fez no Brasil quando trabalhava, conseguiu guardar dinheiro para ficar só estudando, sem depender da família ou precisar trabalhar. Ele diz que já se ambientou no Paraguai, fez amigos e saiu da zona de conforto da vida

que levava no Brasil.

— É dia e noite estudando direito. Eu canso 10 vezes mais. Também aprendo outra cultura e língua — conta.

Por outro lado, o Paraguai transformou-se em um porto fértil para se fazer negócios. Em 2023, o crescimento do país foi de 4,7%, o maior índice do Cone Sul. O que move os imigrantes empreendedores é o custo operacional mais em conta que no Brasil, considerando impostos e a energia elétrica, pelo menos 60% mais barata em relação a Paraná e São Paulo.

Filho de imigrantes brasileiros, Maurício Rúbio, 46 anos, nasceu em Foz do Iguaçu e cresceu no Paraguai. Começou a vida no país vendendo insetos, foi gerente de empresas de máquinas agrícolas e recentemente decidiu investir em um setor em franco crescimento: incorporadora de condomínios de alto padrão.

INDÚSTRIA E COMÉRCIO

É dele e da corretora Andréa Calegari, 42 anos, o projeto do condomínio Paraiso das Águas, situado às margens do Lago Iguaçu, em Mariscal López, a 60 quilômetros de Foz do Iguaçu. Com 235 terrenos, o empreendimento é inspirado em condomínios americanos, com bar e piscinas de frente para o lago, prestes a serem inaugurados. Teremos já foram comercializados para japoneses, canadenses e americanos.

— O Paraguai é um país que abre portas — conta Maurício. Outros setores com muita presença de brasileiros são o industrial e o comercial. Na região da fronteira, proliferam indústrias têxteis, de calçados, radiadores, insetos hospitalares, autopeças, além de restaurantes, cafés, panificadoras, barbearias.

Alguns desses empreendedores comerciais de brasileiros ficam em um bairro de luxo chamado Country Club, no município de Hernandarias, a 13 km de Foz do Iguaçu. Além do requinte arquitetônico



Empreendedores da indústria. Maurício Akira e Nataska Kuntz chegam em 2019 atraídos por uma oportunidade de negócios e hoje fabricam eletrodomésticos



Na sala de aula. Almir Pinheiro deixou sua cidade em Goiás para estudar em uma das cerca de 40 faculdades de Medicina existentes no país vizinho



Paraiso paraguaio. Andréa Calegari e Maurício Rúbio investem na incorporação de um condomínio de alto padrão em Mariscal López

De 90% R\$ 1.500
por mês
é o valor da mensalidade de uma faculdade de Medicina no Paraguai, com cursos de Medicina atraindo dezenas de milhares

co, o bairro tem condomínio fechado e alguns moradores usam carros de golfe para se deslocarem.

Ainda na região próxima à fronteira, há uma concentração de indústrias no município de Mingü Guazú, a 14 km de Foz do Iguaçu. Lá funciona a fábrica de eletrodomésticos dos brasileiros Marcos Akira e Nataska Kuntz, ambos com 36 anos. Eles moravam na Austrália, até que em 2019, surgiu uma oportunidade para empreender no Paraguai, onde o pai de Nataska mora.

Após passar dificuldades no período da pandemia, os brasileiros viram o negócio prosperar. No ano passado, o crescimento foi de 10%, embalado pelo aquecimento da indústria de construção civil no país. Todos os 22 funcionários da empresa são paraguaios. Além da estabilidade para empreender, o casal encontra tranquilidade para morar no país.

— Comparando com o Brasil, pode-se dizer que aqui é mais seguro — diz Nataska.

FISCALIZAÇÃO MAIS RÍGIDA

A fiscalização nas empresas de origem brasileira costuma ser mais rígida, dizem os empresários, mas nada impede uma boa relação com os paraguaios.

— Nossa relação é ótima. Quem trabalha não pensa em tonterias (besteiras). Buscamos vender e comprar — diz Edgar Cuevas, da União Industrial Paraguai (UIP).

A imigração brasileira no Paraguai teve início no final da década de 1950 e se intensificou entre 1960 e 1970. Governante do país na época, o ditador Alfredo Stroessner (1954-89) lançou um plano de colonização e permitiu que estrangeiros adquirissem terras em áreas de fronteira. A notícia correu rápido. O governo ordenou a publicação de anúncios em jornais brasileiros oferecendo terras baratas. Corretores de também iam a cidades brasileiras para fazer negócios. Os brasileiros que aceitaram

o desafio de cruzar a fronteira passaram a ser chamados de colonos "brasiguais" — brasileiros que imigraram para o Paraguai. Alguns conseguiram um pequeno pedaço de terra para fazer a vida, enquanto outros fizeram fortuna e hoje vivem em cinturões de plantações de soja e milho rodeados por silos e multinacionais do agronegócio.

Os brasiguais encontraram um Paraguai coberto por florestas e muito por fazer. Como tempo, derrubaram árvores e ergueram algumas das cidades pujantes situadas no departamento (estado) de Alto Paraná, região de destino da maioria. Ali foram fundadas verdadeiras ilhas verde-amarelas, como os municípios de Santa Rita, Santa Rosa del Monday, San Alberto e Naranjal.

Muito costumes brasileiros foram "exportados" para as cidades paraguaias, que viram a chegada da cultura das cooperativas agrícolas, dos centros de tradições gaúchas e também do principal elemento de penetração, o idioma. Em boa parte das cidades onde os imigrantes foram morar, o português é falado nas ruas e nas rádios, dividindo espaço com o espanhol e o guarani.

VOLTA PARA O BRASIL

Em alguns municípios, é comum ver prefeitos e vereadores nascidos no Brasil. É o caso de Naranjal. Lá, o prefeito é o engenheiro agrônomo Edoardo Schaffrath, 61 anos. Paranaense de Marmeleiro, ele decidiu morar no Paraguai em 1988, após iniciar a carreira no Brasil. Schaffrath chegou à cidade quando só havia estrada de chão e era possível circular apenas com caminhonete 4x4 em certos lugares. Através pelas condições financeiras favoráveis, começou a vida vendendo insetos. Com o passar do tempo, passou a produzir grãos, criar porcos, ovelhas e entrou na política após uma conversa com amigos.

Hoje, está no segundo mandato como prefeito de Naranjal, município de 10 mil habitantes onde a maior parte é formada por brasileiros e descendentes. A convivência entre locais e imigrantes é ótima, define Schaffrath.

— Tem muitos casamentos entre brasileiros e paraguaios — diz.

O fluxo de volta ao Brasil não é intenso como o de entrada. Quem costuma fazer o caminho de volta são os brasileiros que conseguem o diploma de Medicina ou aqueles já idosos que dependem do serviço de saúde, ainda precário no país, e preferem garantias do SUS ou da rede particular do lado brasileiro da fronteira.

Coordenador da Direção Geral de Estrangeiros do Paraguai, Alexis Muñoz diz que os brasileiros são bem-vindos.

— Nunca tivemos uma política de fechar as fronteiras — afirma.

Para ele a presença dos estudantes de Medicina, por exemplo, é importante para movimentar a economia do país, tanto no setor de alojados como nos supermercados.

Para se estabelecer legalmente no Paraguai, os brasileiros precisam inicialmente tirar uma carteira de migrante provisória e depois uma permanente. Cada uma custa cerca de R\$ 1.800. No intuito de garantir a legalidade, a Direção de Migração faz fiscalizações periódicas nas faculdades e empresas onde há estrangeiros. Quem estiver irregular recebe uma notificação e é encaminhado para fazer a documentação. No caso de reincidência, o estrangeiro é multado e pode até ser expulso do país, algo não tão comum.